

## MEIO AMBIENTE E GLOBALIZAÇÃO

Regina Chelly Pinheiro da Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O Fenômeno da globalização tem assolado o mundo moderno de maneira avassaladora, acompanhado de todos os processos que lhe são peculiares, tais como exclusão social, concentração de renda e poder, exploração do trabalho e migração de capitais em busca de lucros cada vez maiores, entre outros. A sociedade, por sua vez, tem se mostrado impotente diante deste processo, aderindo ao “modo de vida globalizado” sem muitas vezes perceber suas reais conseqüências. A necessidade constante de expansão do capital, tem levado a uma exploração intensiva dos recursos naturais, gerando desequilíbrios e problemas ambientais de toda a sorte. Não obstante o surgimento de novas tecnologias menos e de legislação mais severa, a solução definitiva passa por profundas mudanças estruturais na sociedade, pela substituição de um modelo em que o capital é primordial, para um modelo em que o homem é a essência, amparado por um desenvolvimento sustentável e inserido dentro de um ambiente saudável.

**PALAVRAS CHAVE:** Globalização; Meio Ambiente; Modernidade.

**ABSTRACT:** The Phenomenon of the globalização has been havoc the modern world in an overpowering way, accompanied of all the processes that are him/her peculiar, such as social exclusion, concentration of income and power, exploration of the work and migration of capitals in search of profits every time larger, among others. The society, for your time, it has been showing if impotent before this process, sticking to the " way of life globalizado " without a lot of times to notice your Real consequences. The constant need of expansion of the capital, it has been taking to an intensive exploration of the natural resources, generating unbalances and environmental problems of the whole luck. In spite of the appearance of new less technologies and of more severe legislation, the solution definitive raisin for deep structural changes in the society, for the substitution of a model in that the capital is primordial, for a model in that the man is the essence, aided by a maintainable development and inserted inside of a healthy atmosphere.

**KEYWORD:** Globalização; Environment; Modernity.

*“Ser capaz de ter consciência de si mesmo e de seu mundo é a terrível alegria, a benção e a maldição do homem”. (Autor Desconhecido)*

---

<sup>1</sup> Geógrafa especialista em Geografia Humana e Meio Ambiente e Análise Ambiental – PUC/MG, Mestranda do Curso de Desenvolvimento Regional – UNIR/RO

### **Introdução:**

Globalização é um tema muito amplo. Ainda mais quando relacionado com a Meio Ambiente. Por isso, vou tratá-la a partir de um eixo que direcione a exposição no sentido de nos por em proximidade com o que se passa no Brasil neste momento.

É o tipo de assunto que transborda fronteiras, separa, isola. Bem ou mal, temas contemporâneos como globalização e meio ambiente, que vêm carregados de presságios, têm esse lado positivo de colocar áreas diferentes numa mesma mesa, pondo-lhes a tarefa de entender juntas o que está acontecendo no mundo nos dias atuais.

Como se notará não se tratará globalização e modernidade como duas coisas separadas, mas como teias de um mesmo drama. E buscarei fazer uma linha de ligação entre a globalização e a modernidade, dentro da questão ambiental, que tem gerando desequilíbrios e problemas ambientais de toda a sorte. Não obstante o surgimento de novas tecnologias menos e de legislação mais severa, a solução definitiva passa por profundas mudanças estruturais na sociedade, pela substituição de um modelo em que o capital é primordial, para um modelo em que o homem é a essência, amparado por um desenvolvimento sustentável e inserido dentro de um ambiente saudável.

Neste trabalho buscase-a fazer uma linha de ligação entre a globalização e meio ambiente, discutindo os reflexos das questões ambientais contemporâneas, dentro de toda esta trama, que se passa dentro das sociedades com o evento da globalização.

### **A Questão Ambiental e a Globalização:**

Globalização é um tema atual e bastante amplo, principalmente dentro da realidade dos países em desenvolvimento, que é o caso do Brasil. Por isso, deve ser tratada a partir de um eixo que direcione a exposição no sentido de nos por em proximidade com o que se passa no Brasil neste momento. Temas contemporâneos como globalização e meio ambiente, que vêm carregados de presságios, têm como lado positivo colocar áreas científicas diferentes numa mesma mesa, pondo-lhes a tarefa de entender juntas o que está acontecendo no mundo nos dias atuais.

As aberturas como, migração de capitais, uniformização e expansão tecnológica, capitaneado por uma frenética expansão dos meios de comunicação, parecem ser forças incontroláveis a mudar hábitos e conceitos, procedimentos e instituições. Nosso mundo aparenta estar cada vez menor, mais restrito, com todos os seus cantos explorados e expostos à curiosidade e à ação humana<sup>1</sup>. É a globalização em seu sentido mais amplo, cujos reflexos se fazem sentir nos aspectos mais diversos de nossa vida.

As circunstâncias atuais parecem indicar que a globalização da economia, com todas as suas conseqüências sociais e culturais, é um fenômeno que, no mínimo, irá durar. O fim da bipolaridade ideológica no cenário internacional, a saturação dos mercados dos países mais ricos e a ação dos meios de comunicação, aliados a um crescente fortalecimento do poder das corporações e inversa redução do poder estatal (pelo menos nos países que não constituem potências de primeira ordem), são apenas alguns dos fatores que permitem esse prognóstico. O meio ambiente, em todos os seus componentes, tem sido e continuará cada vez mais sendo afetado pelo processo de globalização da economia.

Os impactos da globalização da economia sobre o meio ambiente decorrem principalmente de seus efeitos sobre os sistemas produtivos e sobre os hábitos de consumo das populações. Alguns desses efeitos têm sido negativos e outros, positivos. Dentre os que escreveram a este respeito destaca-se Giddens (1991) ao afirmar que, *“os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de todos os tipos tradicionais de ordem social, existem, obviamente, continuidade entre o tradicional e moderno, e nem um nem o outro formam um todo à parte.”*

Com a modernidade, está havendo claramente uma redistribuição das funções econômicas no mundo. Um mesmo produto final é feito com materiais, peças e componentes produzidos em várias partes do planeta. Produzem-se os componentes onde os custos são mais adequados<sup>3</sup>. E os fatores que implicam os custos de produção incluem as exigências ambientais do país em que está instalada a fábrica. Este fato tem provocado, em muitos casos, um processo de "migração" industrial. Indústrias são rapidamente montadas em locais onde fatores como disponibilidade de mão-de-obra, salários, impostos, facilidades de transporte e exigências ambientais, entre outros, permitem a otimização de custos. Como a produção de componentes é feita em escala global, alimentando indústrias de

montagem em várias partes do mundo, pequenas variações de custos produzem, no final, notáveis resultados financeiros. Segundo Ianni (1996) " ... com a nova divisão internacional do trabalho, a flexibilização dos processos produtivos e outras manifestações do capitalismo em escala mundial, as empresas, corporações e conglomerados transnacionais adquirem preeminência sobre as economias nacionais. Elas se constituem nos agentes e produtos da internacionalização do capital".

Há uma clara tendência na economia mundial, de concentrar nos países mais desenvolvidos atividades mais ligadas ao desenvolvimento de tecnologias, à engenharia de produtos e à comercialização. Por outro lado, a atividade de produção, mesmo com níveis altos de automação, tenderá a concentrar-se nos países menos desenvolvidos, onde são mais baratos a mão-de-obra, com menores custos, as exigências de proteção ao meio ambiente são mais brandas.

Essa tendência poderá mascarar o cumprimento de metas de redução da produção de gases decorrentes da queima de combustíveis fósseis, agravadores do "efeito estufa", pois a diminuição das emissões nos países mais ricos poderá ser anulada com o seu crescimento nos países em processo de industrialização.

Outro fator que tem exercido pressão negativa sobre o meio ambiente e que tem crescido com a globalização da economia é o comércio internacional de produtos naturais, como madeiras nobres e derivados de animais. Este comércio tem provocado sérios danos ao meio ambiente e colocado em risco a preservação de ecossistemas inteiros. Em meio a todo este processo Sachs (1986), nos lembra que, "... o homem, quer queira quer não, depende da existência de uma natureza rica, complexa e equilibrada em torno de si. Ainda que ele se mantenha isolado em prédios de apartamento, os ecossistemas naturais continuam constituindo o seu meio ambiente".

A existência de um mercado de dimensões globais, com poder aquisitivo elevado e gostos sofisticados, é responsável por boa parte do avanço da devastação das florestas tropicais e equatoriais na Malásia, Indonésia, África e, mais recentemente, na América do Sul. A tradicional medicina chinesa, em cuja clientela se incluem ricos de todo o mundo, estimula a caça de exemplares remanescentes de tigres, rinocerontes e outros animais em vias de extinção. Mercados globalizados

facilitam o trânsito dessas mercadorias, cujos altos preços estimulam populações tradicionais a cometerem, inocentemente ou não, crimes contra a natureza

Na agricultura e na pecuária, a facilidade de importação e exportação pode levar ao uso, em países com legislação ambiental pouco restritiva ou fiscalização deficiente, de produtos químicos e técnicas lesivas ao meio ambiente, mas que proporcionam elevada produtividade a custos baixos. É o caso, por exemplo, de determinados agrotóxicos que, mesmo retirados de uso em países mais desenvolvidos, continuam a ser utilizados em países onde não existem sistemas eficientes de registro e controle. Os produtos agrícolas e pecuários fabricados graças a esses insumos irão concorrer deslealmente com a produção de outros países. “... pelo que sabemos, vivemos no único planeta verde do universo. E mesmo assim, estamos esgotando esta rica herança a um ritmo que empobrecerá a cobertura vegetal em pouquíssimo tempo. Já expandimos os desertos em dois terços de sua superfície e eliminamos um terço das florestas tropicais.” (Myers, 1986)

A medida mais eficaz para evitar ou minimizar os efeitos deletérios dessas e de outras conseqüências da globalização sobre o meio ambiente seria a adoção, por todos os países, de legislações ambientais com níveis equivalentes de exigências. O fortalecimento das instituições de meio ambiente, principalmente dos órgãos encarregados de implementar e manter o cumprimento das leis, é igualmente fundamental. Para isto, seriam necessárias, além de ações dos governos dos países em desenvolvimento, assistência econômica e técnica das nações mais ricas. Ferraz (1999) nos mostra a realidade da consciência da Amazônia com os problemas ambientais, “... com a mesma falta de cerimônia que um paulista abre a janela do carro e joga lixo na rua, os freqüentadores do Tarumã\*\* colocam a mão fora de suas lanchas e jogam lixo na água – sacos, latinhas, restos. Os postos de gasolina flutuantes fazem ainda pior. Além do óleo que escapa para a superfície do rio durante o abastecimento das lanchas, os funcionários descartam latas vazias de óleo e aditivos na água”

Estas são preocupações expressas em vários documentos, como a Agenda 21, resultante da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992. No entanto, interesses econômicos imediatos, aliados ao grave problema do desemprego que hoje assola

boa parte do mundo, têm dificultado o avanço de acordos e ações efetivas nesse sentido<sup>5</sup>.

A globalização da economia, pelo menos na fase de transição que impõe a todos os países, cria um contingente de mão-de-obra desativada, via eliminação de empregos em setores nos qual o país não consegue competir. O estímulo à mecanização da agricultura, dispensando mão-de-obra, por outro lado, acelera o êxodo rural. Essa massa de excluídos do processo de integração da economia acaba por provocar grave degradação ambiental, principalmente no ambiente urbano, criando invasões de áreas não urbanizadas e favelas. A degradação do ambiente urbano - destruição de atributos naturais, poluição da água, perturbações da segurança e da saúde pública, prejuízos na estética urbana, resulta na perda da qualidade de vida, tanto dos novos como dos antigos moradores urbanos. O ressurgimento de epidemias e endemias supostas extintas é um dos ângulos mais visíveis desta questão.

**“...o homem tornou-se gradativamente menos dependente de padrões absoluto de conduta. ...As forças econômicas e sociais adquiriram o caráter de poder naturais cego que o homem, a fim de poder se preservar a si mesmo, deve dominar, ajustando-se a eles .... Como resultado final do processo, temos de um lado o eu, o ego abstrato esvaziado de toda substância, exceto da sua tentativa de transformar tudo no céu e na Terra em meios para sua preservação, e do outro lado uma natureza esvaziada e degradada a ser um simples material, simples substância a ser dominada, sem qualquer outro propósito do que esse de sua própria dominação”. Horkheimer (1976)**

Para uma transição menos traumática para uma economia globalizada, a sociedade deveria estar disposta e preparada para prover condições mínimas de subsistência aos que, provisória ou definitivamente, não se adaptassem às novas condições de acesso ao mercado de trabalho globalizado. Seria o preço a pagar pela tranquilidade pública, por usufruir os benefícios materiais que a nova ordem econômica pode trazer àqueles mais aptos a obter os bens de consumo, o luxo, a comodidade e o conforto material que o sistema capitalista pode prover. Sem essa disposição da sociedade em dividir resultados, o meio ambiente como um todo sofrerá graves conseqüências, afetando profundamente nossas vidas e comprometendo o nosso futuro.

**“ As novas tecnologias se generalizam na década de 1990 sob o impacto da internacionalização, caráter central do processo**

**econômico recente. As mudanças tecnológicas influem diretamente na denominada globalização financeira, comercial e industrial. ... Essa integração induziu o predomínio dos fluxos internacionais de capital sobre as economias nacionais e o peso ascendente dos investimentos estrangeiros sobre os locais.” Katz(1995).**

Mas a globalização da economia oferece também perspectivas positivas para o meio ambiente. Até pouco tempo era comum a manutenção, por empresas multinacionais, de tecnologias ultrapassadas em países mais pobres e com consumidores menos exigentes. A escala global de produção tem tornado desinteressante, sob o ponto de vista econômico, esta prática. É o caso, por exemplo, dos automóveis brasileiros. Enquanto a injeção eletrônica era equipamento comum na maior parte do mundo, por aqui fabricavam-se motores carburados, de baixa eficiência e com elevados índices de emissão de poluentes. Com a abertura do mercado brasileiro aos automóveis importados, ocorrida no início desta década, a indústria automobilística aqui instalada teve que se mover. Rapidamente passou-se a utilizar os mesmos motores e os mesmos modelos de carrocerias usadas nos países de origem das montadoras. É claro que isto causou impacto sobre a indústria nacional de autopeças, pois uma grande quantidade de componentes, principalmente os mais ligados à eletrônica, passaram a ser importados, o que antes não era possível, dado o caráter fechado que até então dominava o nosso mercado interno.

O mesmo efeito sentido na indústria automobilística estende-se a uma gama de outros produtos, como os eletrodomésticos. A globalização da produção industrial está levando à rápida substituição do CFC, em refrigeradores e aparelhos de ar condicionado, por gases que não afetam a camada de ozônio. Isto está ocorrendo em todos os países, pois não é interessante economicamente, a manutenção de linhas de produção de artigos diferenciados de acordo com os países que os vão receber.

Neste sentido, a capacidade dos Estados de definir políticas ambientais nacionais é reduzida pela globalização da cultura consumista, que resulta de uma dada visão de mundo, cuja mudança para atender às demandas da reconciliação entre economia e meio ambiente assume um caráter de mudança civilizacional. Como aborda Sachs (1986), “...a solução para o problema ambiental requer a passagem de uma “civilização de Ter” para uma “civilização do ser”. Nos organismos internacionais criados para tratar da problemática ambiental, a consciência da

magnitude desse desafio é clara e se encontra expressa em documentos e declarações oficiais<sup>6</sup>, juntamente com as sugestões das políticas nacionais e internacionais, capazes de promover mudanças necessárias. Entretanto, como nota Sachs (1986), "... a profundidade das mudanças institucionais requeridas para enfrentar esse desafio em geral é mal aferida. Não são claramente as condições objetivas que permitiriam a execução de tais sugestões de políticas de desenvolvimento sustentável."

É fundamental ter em conta que esse processo de conscientização ecológica representa um processo de formação de valores através da discussão pública, cuja transparência deve ser assegurada precisamente por essa crescente participação de uma pluralidade de instituições governamentais, representando o mais amplo espectro possível de interesses. Como assinala Sachs (1986), "...este é um tipo de processo em que a racionalidade do comportamento individual é uma componente integral das decisões sociais racionais."

### **Conclusão:**

A globalização tem se mostrado um fenômeno assolado a modernidade, ao modo de vida e aos hábitos de consumo de parcela significativa da população, assim como às necessidades crescentes de expansão do capital.

Este último, em sua escalada geométrica, se apropria do trabalho e dos recursos naturais cada vez mais vorazmente, principalmente naqueles países com instituições mais frágeis e economicamente menos desenvolvidos, incapazes de fazer frente a sua expansão e às grandes corporações.

O meio ambiente fonte primária de recursos e depósito final de todos os rejeitos acaba sofrendo um processo contínuo de degradação, seja pela exploração irracional de seus recursos e utilização intensiva de produtos químicos, seja pela falta de alternativas de um enorme contingente de desvalidos, aliados das benesses da sociedade, que acaba em favelas, ocupando encostas, córregos, mangues e outros locais impróprios.

Assim, solução para o problema ambiental dentro de uma sociedade globalizada, passa por um desafio incomensurável, que implica mudanças significativas no meio social, passando de uma "civilização do ter", para uma



“civilização de ser”, de uma expansão irracional do capital, para um desenvolvimento sustentável, do excluir para incluí-lo, tanto o homem na sociedade como no meio natural do qual é parte integrante.

### **Bibliografia:**

CORSON, Walter H. **O que pode fazer a respeito da crise do meio ambiente. Manual global de ecologia.** São Paulo: Augustus, 1993.

FERRAZ, Patrícia. **Acredite: esta é uma cena amazônica.** Jornal da Tader, 24 jan. 1999.

HORKHEIMER, Max. **Eclipse da razão:** tradução de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro, Editora Labor do Brasil, 1976.

IANNI, Octavio. Globalização e diversidade, in L. Ferreira, E. Viola (orgs), **Incertezas de sustentabilidade na globalização.** Campinas: Unicamp, 1996.

KURZ, Robert. **O colapso da modernidade: da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial:** tradução de Karen Elsabe Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade;** tradução de Raul Fiker. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

MYERS, Norman. **La evolución em crisis. Atlas de la gestión del planeta:** tradução de Sueli Angelo Furlan. Barcelona: Blume, 1987.

PROJETO Meio Ambiente e Cidadania. **Conflitos ambientais no Brasil: natureza para todos ou somente para alguns?.** Rio de Janeiro: Ibase, 1997.

SACHS, I. **Ecodesenvolvimento. Crescer sem destruir.** São Paulo: Editora Vértice, 1986.

\_\_\_\_\_. **Estratégias de transição para o século XXI.** São Paulo: Nobel Ed./Fundap,. 1993.